

Desafinando a metáfora da nação ¹

Marcelino Rodrigues da Silva *

Faculdade de Letras - UFMG

Resumo: A partir da noção de metáfora, o artigo discute as relações entre futebol e cinema, buscando evidenciar diferentes possibilidades de apropriação do esporte pela linguagem cinematográfica. Para isso, aborda dois filmes da última década, em que o futebol ocupa uma posição importante e estabelece relações metafóricas com outros elementos da narrativa. Esses filmes são: *O milagre de Berna*, dirigido pelo alemão Sönke Wortmann e lançado em 2003, e *O ano em que meus pais saíram de férias*, do brasileiro Cao Hamburger, lançado em 2006. Um filme alemão e outro brasileiro, ambos recuperando momentos importantes do passado esportivo e político dessas duas nações.

Abstract: From the notion of metaphor, the article discusses the relationships between football and cinema, pointing out different possibilities of appropriation of the sport by the cinema language. For this, it discusses two films from the last decade, in which football occupies an important position and establishes metaphorical relationships with other elements in the narrative: *The Miracle of Bern*, directed by German director Sönke Wortmann and released in 2003, and *The Year My Parents Went on Vacation*, by Brazilian director Cao Hamburger, released in 2006. A German and a Brazilian movie, both reviving important moments in the sporting and political past of these two nations.

1

A 19ª Copa do Mundo, disputada no ano passado na África do Sul, motivou a realização de uma série de eventos acadêmicos e culturais voltados para o futebol. Entre esses eventos, tivemos a oportunidade de acompanhar diversas mostras de cinema,

* Marcelino Rodrigues da Silva é doutor em Literatura Comparada, professor da Faculdade de Letras da UFMG e autor do livro *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho* (Editora UFMG, 2006).

exibindo uma boa quantidade de filmes que tematizam o universo esportivo. Desde clássicos da filmografia sobre o futebol, como o brasileiro *Garrincha, alegria do povo*, de Joaquim Pedro de Andrade (1962), e o americano *Fuga para a vitória*, de John Huston (1982), até obras pouco conhecidas, que revelam apropriações por vezes surpreendentes do esporte, como o chinês *Kung Fu Futebol Clube*, de Stephen Chow (2001), e o alemão-iraniano *Pelada com véu*, de David Assmann e Ayat Najafi (2008). A quantidade e a diversidade dos filmes exibidos nesses eventos parecem indicar que o cinema vem gradualmente aumentando seu interesse pelo tema e se tornando um dos lugares onde o futebol deixa de ser apenas um esporte para se tornar uma linguagem ou campo simbólico, no qual as pessoas projetam seus sofrimentos, dilemas e aspirações. Refletir sobre essa produção, portanto, é refletir também sobre a dimensão simbólica do esporte e suas relações com a cultura e a sociedade.

Na bibliografia acadêmica sobre o futebol, as discussões sobre esse aspecto do fenômeno esportivo ocupam uma posição de grande destaque. Noções como linguagem, discurso, drama e representação têm sido evocadas, na tentativa de avançar na compreensão dos processos por meio dos quais o esporte adquire suas múltiplas significações culturais. Entre esses conceitos, tomados de empréstimo ao campo dos estudos lingüísticos e literários, aparece frequentemente a idéia do esporte como metáfora de outros aspectos da vida humana. Ela está presente, por exemplo, no clássico ensaio do antropólogo Roberto DaMatta – “Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social?” –, onde se diz que o futebol pode ser tomado como “uma metáfora da própria vida”, por meio da qual “nossa sociedade fala, apresenta-se, revela-se, exhibe-se, deixando-se descobrir” (DAMATTA, 1986: 105, 109). Outro exemplo é o abrangente *A dança dos deuses*, livro do historiador Hilário Franco Júnior, que se constrói sobre o pressuposto de que o futebol funciona como uma “metáfora de cada um dos planos

essenciais do viver humano nas condições históricas e existenciais das últimas décadas” (Franco Júnior 2007: 166) e explora detalhadamente os diversos aspectos (sociológico, psicológico, lingüístico etc) desse potencial metafórico do esporte.

Considerando-se os problemas teóricos e as implicações históricas da noção de representação, particularmente suas ligações com a chamada “metafísica do sentido”, apontadas pelos pensadores pós-estruturalistas, já não é mais pertinente falar em significações imanentes ao futebol. É necessário reconhecer que os diversos sentidos assumidos pelos personagens, instituições e acontecimentos esportivos são – como mostra José Miguel Wisnik, em *Veneno remédio* – uma “questão de interpretação”, um suplemento ao jogo articulado a partir de circunstâncias históricas e culturais específicas. Dialogando com a idéia do futebol como fenômeno estético-formal de “produção de presença”, sem uma dimensão semântica implícita, formulada pelo teórico alemão Hans Ulrich Gumbrecht (2006), o ensaísta brasileiro vê futebol como um “sistema simbólico” aberto, um esquema “genérico o bastante para não representar nenhum conteúdo previamente determinado”, “deixando-se investir por conotações ora mais difusas ora mais direcionadas, em que se engancham modos de relação entre indivíduos e grupos” (WISNIK, 2008: 46-47).

Exatamente por isso, a idéia do futebol como metáfora revela-se bastante produtiva para o pesquisador contemporâneo, sintonizado com as reflexões atuais sobre a linguagem, o discurso e o sentido. Diante dos limites e armadilhas da representação, a metáfora – com sua dispersão de sentido e sua abertura interpretativa, propiciadas pela base analógica que a sustenta – pode ser um conceito operatório de grande utilidade na tentativa de captar de modo menos simplista os mecanismos pelos quais se produz a multiplicidade semântica do futebol, potencializada pelos inúmeros contextos históricos e socioculturais em que ele se difundiu ao longo do último século.

O que se pretende neste artigo é partir da noção de metáfora para uma breve incursão no terreno das relações entre futebol e cinema, buscando evidenciar algumas das diferentes possibilidades de apropriação do esporte pela linguagem cinematográfica e por outras artes. Para isso, serão tomados dois filmes da última década, em que o futebol ocupa uma posição importante, estabelecendo relações metafóricas com outros elementos da narrativa fílmica. Esses filmes são: *O milagre de Berna*, dirigido pelo alemão Sönke Wortmann e lançado em 2003, e *O ano em que meus pais saíram de férias*, do brasileiro Cao Hamburger, lançado em 2006. Um filme alemão e outro brasileiro (dois países em que o futebol tem enorme relevância cultural), ambos recuperando momentos importantes do passado esportivo e político dessas duas nações.

2

A obra de Sönke Wortmann conta simultaneamente a história da conquista da Copa do Mundo de 1954 pela Alemanha e a trajetória de reconciliação de uma família alemã da cidade de Essen cujo pai esteve afastado por 11 anos na Rússia, como prisioneiro da Segunda Grande Guerra. As duas histórias se encontram na amizade entre o menino Matthias, o caçula da família, e o craque indisciplinado Helmut Rahn, atacante do Rot-Weiss Essen, convocado a participar da seleção alemã. Na ausência do pai, o atleta ocupa o lugar paterno para Matthias, fazendo dele sua mascote, cuja presença seria fundamental para que o jogador fosse capaz de vencer os jogos mais importantes.

Enquanto o descreditado escrete germânico dá seus primeiros e vacilantes passos no campeonato mundial, a chegada do pai de Matthias desencadeia uma série de conflitos na família, motivados por seus traumas de guerra e suas tentativas de

reassumir seu lugar afetivo e de autoridade junto aos filhos. No entanto, a sorte da seleção e da família muda de rumo, com as manobras do lendário técnico Herberger, que conduz o time com astúcia e acaba colocando Helmut Rahn entre os titulares, e os esforços do pai de Matthias para se reinserir na vida familiar. Após uma dura discussão com sua esposa, o pai abandona a posição arrogante que marcou sua chegada e expõe suas fraquezas, dividindo com a família as experiências traumatizantes da guerra.

O esforço de reconciliação chega ao ápice quando o pai resolve levar Matthias à final do mundial, em Berna, passando por cima de seus ciúmes da relação do filho com Helmut Rahn. Como a viagem, num carro emprestado, demora mais do que o previsto, pai e filho ouvem o desenrolar da partida pelo rádio, acompanhando os dois primeiros gols da temida Hungria. Aproveitando uma experiência da guerra, o pai sugere ao filho que feche os olhos e se imagine no estádio, como ele fazia no cárcere, para lidar com a falta de comida. Enquanto o menino pratica o exercício, a Alemanha marca dois gols e empata a partida. Os dois chegam ao local do jogo nos últimos minutos, a tempo de Matthias entrar clandestinamente no estádio e se fazer ver por Helmut Rahn, que em seguida marca o gol que selará a conquista da Copa pela seleção alemã. O filme termina com a volta triunfal dos protagonistas à Alemanha, seguida por um letreiro que informa que, após a conquista, a nação encontrou seu caminho rumo à recuperação.

São bastante claras, mesmo nesse breve resumo, as relações metafóricas que o filme estabelece entre o futebol e outras dimensões da vida daqueles personagens. Podemos dizer, por exemplo, que existem nele três diferentes linhas narrativas, que se conectam tanto por contigüidade quanto por analogia: a história da família, a história da conquista esportiva e a história da reconstrução da Alemanha após a Segunda Grande Guerra. A contigüidade está no fio que une a trajetória de Matthias, seu pai, o craque Helmut Rahn e o destino da seleção alemã na Copa do Mundo. Mas, para além dessa

conexão metonímica, o filme cria, em diversos momentos, relações de analogia entre essas três histórias.

No início da narrativa, a família luta para sobreviver na ausência do pai, a nação está fraturada pelos traumas da guerra e a seleção desacreditada, diante da potência incontestável do esporte húngaro. Os conflitos, nos três planos, se desenrolam simultaneamente: o esperado pai chega e instaura a discórdia na família; os ex-prisioneiros de guerra encontram dificuldades para se adaptar no retorno à Alemanha; a seleção alemã, jogando com os reservas, é derrotada por 8 x 3 pela Hungria, na fase inicial do torneio. Mais à frente, a reviravolta e o desfecho triunfal apontam para a reconstituição da unidade e da vitalidade, tanto na família quanto na seleção e na nação. O acontecimento esportivo funciona, portanto, como uma figuração metafórica da trajetória de reconstrução da sociedade e da nação alemãs após a Segunda Grande Guerra.

Assim, o filme realiza de modo exemplar aquilo que o teórico indiano Homi K. Bhabha, no ensaio “Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna”, definiu como a metáfora nacional, a metáfora do “muitos como um” (Bhabha 1998: 203), por meio da qual se constrói a imagem da nação como um corpo único, uma comunidade unida por afinidades e semelhanças que garantem sua coesão social:

A nação preenche o vazio deixado pelo desenraizamento de comunidades e parentescos, transformando esta perda na linguagem da metáfora. A metáfora, como sugere a etimologia da palavra, transporta o significado de casa e de sentir-se em casa (...) através daquelas distâncias e diferenças culturais, que transpõem a comunidade imaginada do povo-nação. (BHABHA, 1998: 199).

Tomando o futebol como uma metáfora, o longa de Sönke Wortmann faz dele um uso eminentemente pedagógico, buscando a construção de um conjunto de convergências que apontam para uma significação inequívoca. O acontecimento esportivo se torna um “lugar de memória” (Nora 1993), um ponto de referência que

conecta as lembranças individuais e grupais, fornecendo as bases para a memória nacional, aquela que Maurice Halbwachs (1990) considerou como a forma mais acabada e completa da memória coletiva. Nesse contexto, até mesmo o trauma de guerra – com seu conhecido poder de provocar o silêncio e o isolamento – ganha sentido e torna-se uma experiência transmissível, que reforça a ligação familiar, na cena em que Matthias se imagina no estádio, usando o truque ensinado por seu pai, e contribui magicamente para a reação da seleção alemã.

3

Passemos agora ao segundo filme, o brasileiro *O ano em que meus pais saíram de férias*, de Cao Hamburger. A obra conta as experiências vividas pelo menino Mauro em 1970, ano que foi marcado tanto pela conquista do tricampeonato mundial de futebol pelo Brasil quanto pela violência da ditadura militar que se encontrava no poder no país. Dizendo que estavam apenas saindo de férias, quando na verdade fugiam da repressão política, os pais de Mauro o deixam na casa do avô paterno, no bairro do Bom Retiro, em São Paulo. Ao partir, sem dar maiores explicações, o pai promete ao menino que estará de volta na época da Copa, para ver com ele o Brasil ser campeão. Chegando à casa do avô, Mauro descobre que ele havia morrido subitamente, ao receber a notícia de sua chegada, e se vê sozinho numa cidade desconhecida. Shlomo, um velho judeu que era vizinho e amigo do avô de Mauro, assume relutante a tarefa de cuidar dele, confiando no compromisso de colaboração da comunidade.

A partir daí, o filme acompanha a vida de Mauro no Bom Retiro: suas dificuldades na relação com Shlomo, o contato com a cultura judaica e a memória da família de seu pai, a solidariedade da comunidade de imigrantes ali radicada, a amizade

com Hanna e outros meninos do bairro, o futebol das conversas de bar, das peladas de rua e do solitário jogo de botões etc. Chega, então, a época da Copa e Mauro aguarda ansiosamente a chegada dos pais. As partidas da seleção pontuam a narrativa, acentuando a espera angustiante de Mauro e dando oportunidade para o aprofundamento de suas ligações com aquela comunidade que o acolhera.

Observando essa angústia, Schlomo tenta encontrar os pais de Mauro, entra em contato com militantes políticos da esquerda e acaba detido pela polícia. No dia do jogo final da Copa do Mundo, Schlomo volta para sua casa, trazendo consigo a mãe de Mauro, sem o marido e extremamente debilitada pela tortura. Na última cena, a tela mostra Mauro e a mãe partindo para o exílio, ao som de um monólogo em que o menino sintetiza sua percepção daquele momento dramático:

E assim foi o ano de 1970: o Brasil virou tricampeão mundial e, mesmo sem querer nem entender direito, eu acabei virando uma coisa chamada exilado. Eu acho que exilado quer dizer ter um pai tão atrasado, mas tão atrasado, que nunca mais volta pra casa.

Trata-se mais uma vez, portanto, de um filme que articula, de modo metafórico (porque construído a partir de analogias entre as diferentes histórias que nele são contadas), a trajetória de uma seleção rumo ao campeonato mundial, o destino de uma família e os conflitos internos de uma nação. Curiosamente, os dois longas são centrados na vida de meninos mais ou menos da mesma idade, embora o de Cao Hamburger se diferencie por assumir a perspectiva narrativa da própria criança, cuja voz em off conta suas experiências. Daí a tonalidade mais lírica deste último filme, repleto de ecos, repetições e reverberações que funcionam como rimas, oposto ao tom mais épico da obra de Sönke Wortmann.

Esses meninos vivem paralelamente a paixão pelo futebol, os dilemas familiares e os acontecimentos históricos que abalam seus países. Os dois filmes sublinham esse

paralelo, por meio de mecanismos que induzem à analogia, como cortes e sobreposições que fazem cruzar os diferentes planos narrativos. Do confronto entre Brasil e Inglaterra, por exemplo, o filme brasileiro corta abruptamente para o jogo entre imigrantes judeus e italianos no Bom Retiro. Alternadas às cenas que explicitam a separação da família de Mauro, torcedores e comentaristas do rádio debatem sobre a suposta impossibilidade de jogarem juntos Pelé e Tostão. Como uma moldura, no início e no final da narrativa, Mauro se lembra do que seu pai dizia sobre os goleiros, posição em que o menino acaba escolhendo jogar: “são jogadores diferentes, porque passam a vida ali, sozinhos, esperando o pior”.

A grande diferença entre os dois filmes se encontra no modo como cada um deles resolve essas relações metafóricas que ligam as três linhas narrativas. Em *O milagre de Berna*, o que observamos foi uma completa convergência entre os destinos da seleção, da família e da nação, que soam em uníssono ao final, com o triunfo e a reconciliação. Já em *O ano em que meus pais saíram de férias*, vemos algo que pode ser comparado ao que, nos estudos sobre a poesia e a literatura dos dois últimos séculos, é chamado de “metáfora dissonante”, para assinalar a dimensão crítica da estética moderna. Em lugar de harmonias e correspondências, a metáfora dissonante busca o choque, o estranhamento e o entrelaçamento dramático de tensões, provocando no receptor, ao invés de assimilação e reconhecimento, uma sensação de incômodo e perda da totalidade (cf. FRIEDRICH, 1978: 15-34).

Enquanto o Brasil vence a final contra a Itália e a torcida comemora o tricampeonato, Mauro toma consciência de que sua família está para sempre partida e o espectador se lembra daquelas feridas impossíveis de cicatrizar, que foram legadas pela repressão política da ditadura militar. A união dos brasileiros no campo esportivo, figurada pela seleção que vence dentro de campo, serve justamente para acentuar, por

contraste, os conflitos internos e a violência que atravessam a comunidade nacional. Fazendo a analogia que rege a relação metafórica “desafinar”, esse filme dá à metáfora um caráter crítico, que se aproxima da negatividade da ironia. Do ponto de vista político, podemos dizer que ele não é, como o filme alemão, um discurso pedagógico, e sim um discurso performático, que se opõe à metáfora da nação com um corte metonímico. Belo filme, que se vale do futebol com a paixão que ele inspirou em todo menino-torcedor, mas não conduz ao ufanismo que volta e meia assombra o imaginário esportivo.

Referências Bibliográficas

- BHABHA, Homi K. 1998. “Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna”. In: H. K. Bhabha, *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG: 198-238.
- DAMATTA, Roberto. 1986. “Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social?”. In: R. DaMatta. *Explorações – ensaios de sociologia interpretativa*, Rio de Janeiro: Rocco: 101-120.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. 2007. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FRIEDRICH, Hugo. 1978. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. São Paulo: Duas Cidades.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. 4 jun. 2006. “Comunidades imaginadas”. *Folha de S. Paulo, Caderno Mais!*. São Paulo: 4-5.
- HALBWACHS, Maurice. 1990. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.
- NORA, Pierre. 1993. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Projeto História*. São Paulo, PUC, n. 10: 07-28.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. 2006. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

WISNIK, José Miguel. 2008. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Filmes

O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS. Direção de Cao Hamburger, Brasil, 2006 (104 min.).

O MILAGRE DE BERNA. Direção de Sönke Wortmann, Alemanha, 2003 (114 min.).

¹ Uma versão simplificada deste artigo foi publicada no caderno “Pensar” do jornal *Estado de Minas*, no dia 26 de março de 2011, com o título “Futebol e cinema”.